



# XII COLOQUIO NACIONAL E V COLOQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

## SER NO MUNDO: EDUCAÇÃO DO CAMPO, LINGUAGEM E IDENTIDADES

Ana Maria Oliveira Lima<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da pesquisa de Mestrado em Letra: Cultura, Educação e Linguagens. Desta forma, consideramos todo um contexto social, político, cultural e histórico para se abordar as ações sociais desta pesquisa. Entendemos que pensar sobre educação é pensar sobre a constituição discursiva dos sujeitos e suas identidades num dado tempo e espaço. Acreditamos que aqui está o início do que se delineia como nosso objeto de pesquisa, qual seja a Identidades dos educandos na Educação do Campo em práticas discursivas em aulas de Língua Portuguesa, levando em consideração as interações educando-educador. Identificamo-nos com questões relacionadas à linguagem e identidades no âmbito das relações sociais inerentes à sala de aula como também em compreender os sentidos que os sujeitos dão a estas ações.

A linguagem é acontecimento, é produção de sentido, ela interfere na realidade. Entendemos que não há possibilidade humana fora da linguagem já que o homem vive num mundo marcado por discursos sociais que colaboram para imprimir sua marca enquanto sujeito social. Assim, ele está o tempo inteiro se reinventando por meio dela. Bakhtin (2004) contribui afirmando que o ser humano é um ser da linguagem e que, portanto, o diálogo está relacionado à vida. Freire (2006, p. 20) aposta na linguagem “como caminho da invenção da cidadania”.

Desta forma, levamos o desejo de compreender o espaço escolar de zona rural, especificamente as interações em sala de aula como constituidoras de identidades, com enfoque maior nos aspectos discursivos e linguísticos. Percebemos os aspectos sociológicos, educacionais e referentes à linguagem como pares deste nosso interesse, o que nos apontam caminhos para uma pesquisa dentro da Linguística Aplicada Crítica, pelo viés transdisciplinar. Ou seja, não tem como pensarmos a Linguística Aplicada Crítica sem pensar os sujeitos, a interação em sala de aula, as identidades, o local e o global.

<sup>1</sup> Mestra em Letras: Cultura, Educação e Linguagens. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagens e Educação – GPLED – CNPQ – UESB. Professora Auxiliar na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: [anaalima2005@yahoo.com.br](mailto:anaalima2005@yahoo.com.br)



Desta forma, o desejo referido sempre foi alimentado por uma aspiração em contribuir socialmente para que uma mudança acontecesse. Rajagopalan (2003, p. 12) afirma:

Quando me refiro a uma linguística crítica, quero, antes de mais nada, me referir a uma linguística voltada para questões práticas. Não é a simples aplicação da teoria para fins práticos, mas pensar a própria teoria de forma diferente, nunca perdendo de vista o fato de que o nosso trabalho tem que ter alguma relevância. **Relevância para as nossas vidas, para a sociedade de modo geral.** (Ênfase acrescida).

Entre os linguistas aplicados, hoje, há um consenso em se redefinir uma agenda de pesquisa que contemple as questões sociais, em diálogo vivo e constante com os próprios protagonistas. Moita Lopes (2006, p. 94) provoca: “Como pensar novas formas de produzir conhecimentos com base em outros olhares e, assim, colaborar na reinvenção da vida social?”

Dentro desta perspectiva, e problematizando sobre a questão - “As identidades sociais dos sujeitos/educandos sofrem impacto na sala de aula – considerando a interação, a cultura escolar e a prática docente?” -, e sobre o nosso Objetivo Geral “Interpretar como a ação pedagógica da educadora afeta as identidades do sujeito/educandos da Educação do Campo a partir da exploração das suas práticas discursivas em aulas de Língua Portuguesa em turma do Ensino Fundamental” -, esta pesquisa se situa no âmbito da linguagem e das interações sociais numa situação formal de ensino em sala de aula de Língua Portuguesa em escola de zona rural, investigando o impacto destas relações nas identidades do sujeito/educando.

Considerando o caráter dialógico e discursivo da sala de aula e das constituições identitárias sociais que este espaço propicia, buscamos dialogar com o pensamento de Paulo Freire relacionando-o à Linguística Aplicada com algumas categorias de discussão que permeiam esta pesquisa, tais como, Identidade Social, Linguagem, Diálogo, Palavra. Freire (2014) aposta nas relações dialógicas e no diálogo como indispensáveis à alteridade, e defende que as práticas sociodiscursivas contribuem para a construção de identidades. Afirma que o diálogo é indispensável a uma pedagogia emancipatória e, ainda “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2014, p.109).

## METODOLOGIA



Esta pesquisa é de cunho etnográfico. O cuidado em entender como as pessoas agem, por que agem de determinada forma e se elas têm consciência das suas ações foram decisivas ao fazermos esta escolha metodológica, com a preocupação contínua de não nos perdemos neste universo. Uma pesquisa de inspiração etnográfica exige do pesquisador um constante questionamento, mobilizado pela reflexão e pela autorreflexão, como também um tempo delongado em campo, em que a visão da totalidade do cotidiano seja percebida de forma que não seja desfalcada também a visão particular e individual, ressaltando a complexidade de uma dada sociedade, comunidade ou grupo.

Por meio da abordagem etnográfica, o nosso campo de pesquisa se revela em uma sala de aula de escola situada em zona rural, na cidade de Vitória da Conquista – Ba. Partimos do pressuposto de que a sala de aula é um lugar de conflito de vozes e, assim sendo, entendemos que os significados vão sendo atribuídos pelos sujeitos ali presentes e suas identidades, negociadas, por meio da linguagem. Deste modo, o *corpus* desta pesquisa compôs-se de presença em e com o campo por um período de seis meses, no ano de 2015, e em 2016 para refletir com a educadora sobre a sua prática pedagógica. A técnica de observação participante do cotidiano com seus instrumentos de pesquisa – gravação em áudio de aulas, fotografias, diário de campo –, as entrevistas e os questionários proporcionaram subsídios para a construção narrativa dos eventos discursivos e dialógicos sob a perspectiva identitária.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A educação<sup>2</sup> em nosso país sempre privilegiou o que foi proclamado, de forma hegemônica, pela classe dominante. Os saberes, conhecimentos e concepções de mundo desta classe serviram de balizadores para as políticas públicas educacionais, normatizando o que era/é considerado correto segundo os seus interesses sociais, culturais, políticos e econômicos. Um processo educacional excludente foi aos poucos se legitimando e o considerado fora do padrão era classificado como errado, equivocado, deturpado.

Os movimentos sociais relativos ao campo (camponeses), impulsionados pelos anseios e desejos dos excluídos do processo democrático relativos à educação, moradia, saúde, lazer e equipamentos materiais que favoreceriam a permanência destes no campo,

<sup>2</sup> Educação neste trabalho será sempre tratada como produção de conhecimento para emancipação do ser humano que se dá nas relações e nos conflitos sociais.



emergiram deste contexto social, histórico e político.

Em campo, pudemos perceber de forma eloquente este modelo hegemônico denunciado por Freire. Assim que se chega à escola, avista-se, de forma vultosa, um painel que retrata a cidade de Vitória da Conquista, considerando somente seu espaço urbano, com seus prédios, ruas pavimentadas, automóveis, transportes públicos, repartições públicas e etc. Teríamos ali um modelo, uma meta de sucesso, um sonho a ser alcançado que poderia ser viabilizado pela escola? Por que não há neste espaço uma referência a aquela localidade rural? Qual pronúncia de mundo é revozeada por este painel?

Desta forma, o que se tem percebido é o que se refere ao urbano como modelo, enquanto que o rural é atrasado, menor, sem cultura, inferior. Ou seja, a dicotomia urbano/rural tem como parâmetro o que é ditado pelas classes dominantes com seus padrões hegemônicos.

Sabemos que os caminhos percorridos pelos sujeitos que lutaram para se ter/discutir/politizar sobre educação do campo foram trilhados pelas lutas de classes preocupadas com a realidade de seus pares. Arroyo (1999, p.18) discute sobre a importância dos movimentos sociais para a tessitura da Educação Básica do Campo, tendo como aporte os direitos de cada trabalhador do campo à saúde, à educação, justiça, terra, igualdade, entre outros. Segundo o autor, o movimento social do campo articula seus pressupostos em diálogo com o direito porque “O conjunto de lutas e ações que os homens e mulheres do campo realizam, os riscos que assumem, mostram quanto se reconhecem sujeitos do direito.”

Na investigação em curso, quando da pesquisa documental, constatamos que o município adota diretrizes de âmbito nacional, visto que a proposta pedagógica para a Educação do Campo não está mais em vigor e o município de Vitória da Conquista ainda não dispõe de outra para substituí-la. Desta forma, a SMED/VC, por meio do seu Núcleo Pedagógico, informou que esta se organiza por meio de núcleos pedagógicos, e o Núcleo de Educação do Campo monitora e coordena a implementação das atividades nas escolas do campo seguindo princípios de Leis e Diretrizes em nível nacional, que, na maioria das vezes, tem o urbano como parâmetro. Sem sombra de dúvidas, o fato de não considerar o campo com suas características culturais, sociais e linguísticas, auxilia na perpetuação das desigualdades sociais.

Corroborando com esta informação prestada pela SMED/VC, importante destacar neste momento o que a educadora da turma do Módulo V afirma em entrevista à pesquisadora participante sobre a proposta de Educação do Campo para o município de Vitória da Conquista.



**Pesquisadora participante:** Em relação à Educação do Campo, existe uma orientação da Secretaria de Educação?

**Educadora:** Não é diversificada da educação de Conquista. Tanto que a gente junta os grupos de Conquista com os nossos nos AC's de lá.

**Pesquisadora participante:** Os planejamentos acontecem juntos?

**Educadora:** É. Acontecem.

## CONCLUSÕES

As interlocuções suscitadas a partir da geração dos dados da pesquisa nos impulsionam a perspectivar as influências exercidas pela educadora sobre as identidades dos seus educandos. Muito provavelmente estas influências são impactadas no direito de dizer, na não “hominização”, na perpetuação da exclusão dos oprimidos e sua consequente postura sempre silenciosa, pois “refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da ‘cultura do silêncio’, a educação ‘bancária’ mantém e estimula a contradição” (FREIRE, 2014, p.82).

Chamou-nos atenção também a inoperância da SMED/VC quanto aos objetivos da Educação do Campo, evidenciando que ela trabalha na contra-mão da história de lutas e conflitos que geraram conquistas importantes para o educando do campo. Diante dos depoimentos da Coordenação Pedagógica da Secretaria de Educação, da entrevista com a educadora, e das aulas observadas, denunciemos uma Educação do Campo urbanocêntrica, sociocêntrica e etnocêntrica.

Palavras-chave: Educação do Campo. Linguagem. Identidades.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo M. A **Educação Básica e o Movimento Social**



**do Campo.** Vol. 2. Brasília. BF: articulação nacional por uma educação básica do campo, 1999.

BAKTHIN, Mikhail (VOLOCHÌNOV, V.N.). **Marxismo e filosofia da linguagem.** 11ª ed. Trad. de Michel Lahud e Yara Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** 56ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica:** linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.